



## O FEMININO SERTENEJO NA ESCRITA JORNALÍSTICA DA PROFESSORA CARLOTA CARVALHO, NO MARANHÃO DO ENTRES SÉCULOS (XIX E XX)

Amanda Dias Silva <sup>1</sup>  
Regina Célia Costa Lima <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como propósito entrar no universo da historiografia sertaneja do sul do Maranhão, por meio dos escritos da professora, jornalista e escritora maranhense, Carlota Carvalho, um dos personagens mais emblemáticos do ambiente sertanejo sulmaranhense do entresséculo. Sertaneja de nascimento, ao que tudo indica no município de Grajaú, por volta do ano de 1864, Carlota Carvalho construiu sua trajetória na docência e na escrita num momento de potencial significado da história brasileira, sendo testemunha ocular de eventos importantes da História nacional e local.

Carlota Olympia de Carvalho, ou simplesmente Carlota Carvalho, como costumava se inscrever como autora, nos legou um rico referencial teórico sobre a realidade sertaneja maranhense das últimas décadas do século XIX e primeira metade do século XX. Seus escritos, seja a obra *O Sertão* ou as publicações jornalísticas repercutidas no período de sua existência, se constituem em um rico material a ser explorado cientificamente. Sua rica produção literária é substancialmente necessária para a compreensão histórica e cartográfica do Brasil no seu processo de alargamento territorial.

Além do sertão maranhense, a mulher foi um dos assuntos de interesse de Carlota Carvalho. Em artigos que publicou no ano de 1924, a questão feminina esteve na centralidade das discussões da autora. Considerado um assunto complexo, reservado e repleto de restrições, o debate acerca da mulher, até meados do século XX, se encontrava privado de legitimidade e parecia desnecessário (SCOTT, 1992, p. 84), dada à marginalização do tema, evidenciada “pela dificuldade de se construir a história das mulheres, mascaradas que eram pela fala dos homens e ausentes que estavam do cenário histórico” (DEL PRIORE, 2004, p. 10). Esse debate, até mesmo nos espaços mais intelectualizados, era extremamente marcado pela ausência do feminino, tanto física, quanto em termos de discussão.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, amanda2diassilva@gmail.com;

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora em História, Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, reginacelia@uemasul.edu.br

Embora não haja evidências de nenhum indício de filiação de Carlota Carvalho aos movimentos feministas que se formaram no cenário político brasileiro do início do século 20, é possível afirmar que ela não esteve alheia ao debate e que seus escritos estiveram suficientemente conectados com os conteúdos que marcaram o período. Ademais, é nesse momento histórico, em que, notadamente, nos grandes centros urbanos do país, ocorreu a emergência de um debate sobre a questão feminina, provocado, em especial, pelos movimentos de luta das mulheres pelo acesso ao espaço público, da política, da educação e do trabalho, dessa forma se faz necessário acessar os escritos de Carlota que tratam da questão feminina (LIMA, 2021).

Em seus escritos jornalísticos, conseguiu apresentar uma série de denúncias envolvendo escravidão e/ou às condições análogas à escravidão no contexto amazônico brasileiro. Caracterizada pelo endividamento, maus-tratos e toda sorte de abandono. Essas condições de trabalho atingiam de forma mais asseverada as mulheres que contavam com agravantes próprios das relações de gênero.

Os textos de Carlota que versam sobre a questão feminina abordam o cotidiano de algumas mulheres sertanejas com as quais teve contato. Tratando de temas relevantes para o entendimento do feminino no contexto da república nascente e das ideias de construção do Estado-nação. Nessa pesquisa, trazemos o resultado de análises de alguns textos de Carlota Carvalho. Mais especificamente, sobre o cotidiano feminino da região sertaneja do Maranhão e na Amazônia. Entre esses textos, merecem destaque *Anna de Freitas*, personagem que trataremos na pesquisa.

Acho pertinente expor considerações acerca do jornal enquanto documento. Para tanto faço uso das palavras das historiadoras Carla Bassanezi Pinsk e Tânia Regina de Lucas, quando afirmam que a “história se utiliza de documentos, transformados em fonte pelo olhar do pesquisador” (2017, p. 7). A assertiva das mencionadas historiadoras nos dá a exata dimensão da importância de se detalhar as fontes, e do olhar que se deve lançar sobre elas.

Carlota trata de temas cruciais na vida das mulheres, como as relações conjugais, a educação e o trabalho, entre outros, num momento especial de formação da nação brasileira, como a mudança do regime político e da efervescência de ideias científicas. Essas ideias, pujantes no cenário nacional, podem ser percebidas no discurso da autora

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Esta é uma pesquisa que tem como principal fonte o documento escrito, em especial o documento-jornal maranhense das últimas décadas do século XIX e primeira metade do

século XX, nos jornais de o Diário de S. Luiz. Os arquivos da Biblioteca Nacional, hoje acessíveis por meio do acervo da Hemeroteca Nacional Digital, que se encontram democraticamente disponibilizados por meio de uma plataforma digital, serão de fundamental importância para a elaboração desse trabalho. Quanto aos procedimentos metodológicos o trabalho será pautado por uma análise qualitativa dos dados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em um dos seus trabalhos para o jornal Diário de S. Luiz, Carlota denuncia uma situação de escravidão que estava acontecendo nos estados que ocorria o novo ciclo econômico brasileiro: A borracha. Publicado em fascículos, a artigo intitulado Anna de Freitas, em 3 de novembro de 1924, nos é apresentado uma moça piauiense de nome Anna de Freitas, que morou na capital do Maranhão junto do seu marido durante o fim do Império e início da república. Junto de seu esposo Cosme, natural do Ceará, e seus pais dirigir-se junto com outros migrantes nordestinos e também estrangeiros de países como o Líbano para os seringais do norte.

No fim do século XIX a região nortista brasileira passa a ser um local importante para as indústrias internacionais. Com a revolução industrial surgiu a necessidade de um material flexível e de uma matéria-prima que pudessem fazer isso. Nesse momento foi descoberto que os indígenas da Amazônia tinha conhecimento de uma planta chamada Caucho, que produzia um líquido branco que ao entrar em contato com o fogo adquiria elasticidade.

Durante o ciclo da borracha as cidades do norte viveram uma verdadeira evolução. As cidades de Belém e Manaus adquiriram infraestrutura a moda francesa, Paris era referência de belo e moderno. As mudanças nas capitais passaram desde centro modernos a roupas usadas pelas aristocracias nortistas. De acordo com Veríssimo (1892, p. 9) “E, talvez, de todas as capitais do norte, a única, com Manaus, que apresenta notável desenvolvimento e engrandecimento”.

Surgindo assim a necessidade de uma intensa imigração para essa região para trabalhar nos seringais. A região nordeste foi a contribuiu com o maior números de migrantes em busca de enriquecer, fugir da seca do sertão ou adquirir alguma reserva de dinheiro para depois voltar a seu estado de origem. Entre esses, o estado do Ceará é o possuidor do maior número de migrantes. Na Europa os principais compradores da matéria eram a Alemanha e Inglaterra que estavam com sua industrialização avançada, e em menor escala a França.

Além disso, citando Veríssimo, Carlota Carvalho expõe a exploração exploração da borracha na Amazônia em seu processo de desumanização:

Também tinham o dever de abrir estradas quando novas áreas de exploração eram descobertas, crianças de 12 anos participavam. A colheita começava às 8 ou 9 da manhã, pois nesse horário a relva da árvore está no ponto de ser colhida. As ferramentas utilizadas são um balde de zinco e algo perfurante para o corte. Às 2 da tarde, com o trabalho já concluindo, podem receber até 2 mil contos de réis (Veríssimo, José, 1892, p. 39).

A região era conhecida por ter sua economia baseada na extração de riquezas naturais. Segundo Veríssimo (1892, p. 21) “As indústrias extractivas formão, pois, a sua grande riqueza”. A castanha, salsaparrilha, óleo de copaíba, marfim vegetal sendo exemplo, mas também tinha a extração de cultivo como o cacau.

A colheita da borracha vai de junho a dezembro em grande parte das regiões. É sabido que a escravidão tinha sido proibida por lei em 1889, mas não impediu que outras formas de exploração humana pudessem acontecer. Principalmente no norte do país, onde a exploração de indígenas era tão normalizada que continuou até depois da proibição. Os trabalhadores eram submetidos a condições de trabalhos insalubres, com longas jornadas de trabalho e em condições de contaminação que levaria a morte. Muitos trabalhadores morreram nos seringais amazonenses, entre eles o pai e o marido de Anna de Freitas. Para fugir das doenças muitos utilizavam cachaça como remédio e tinham uma péssima alimentação (Carvalho, 1924).

Pela manhã, o seringueiro fere a árvore, colhe o leite e coalha-o e leva ao patrão, que recebe e cota por alto o valor nominal mas fornece-lhe os gêneros de alimentação e vestuário por preço de alto valor real. A alimentação é cara e péssima. Carne grossa do Rio Grande do Sul, velha e rancenta e farinha do Maranhão com anos de armazém. Há que aconselhe o uso da cachaça, para a preservação da saúde e produz efeito diametricamente oposto. Naquele clima quente, a cachaça faz um mal imenso ao baço e ao fígado. Comidas indigestas concluem a obra e o indivíduo succumbe ao impudismo e feridas que resultam da péssima alimentação, aos gêneros em decomposição (Carlota Carvalho, Diário de S. Luís, 4 de novembro de 1924).

O dono dos seringais fornece tudo ao trabalhador, desde alimentação a vestimenta, mas tudo com o intuito de aprisionar ele nas dívidas que nunca são pagas, mas por vezes tinham que comprar seu alimento do dono, mas o valor vendido era superfaturado que também causava o endividamento (Carvalho, 1924).

Segundo José Veríssimo (1892, p.36) “[...] a pobreza relativa de gente que, à primeira vista, deveria viver na abundância e mesmo facilmente enriquecer”, ao olhar o desenvolvimento das capitais e do enriquecimento de algumas pessoas, poderia pensar que a

sorte grande era o látex, mas a realidade não demorava a chegar custado por vezes a vida. Muitos dos seringueiros donos de barracão vão a capital em busca de seu padrão, oferecendo o látex colhido e em troca recebem produtos alimentícios que não de comer, ou recebe dinheiro para irem em outras regiões em busca de novos trabalhadores. Nos seringais trabalhavam homens e mulheres, embora apenas o trabalho masculino era contado. No início, apenas os homens iam para o norte, deixavam suas esposas a sua espera. Mas logo a mão de obra feminina passou a ser requerida, pois agora o homem não trabalha só, tem sua esposa e filhos para trabalhar junto com ele na colheita do latex. Além disso, as mulheres também se ocupavam com outras atividades como a criação de animais que ajudava no cotidiano da família (Carvalho, 1924).

A diferença entre as mulheres esposas dos donos do seringais e dos trabalhadores eram gritantes. As primeiras poderiam adquirir trabalho formal como professora ou se ocuparem de tarefas em prol da sociedade como a construção de escolas. Elas tinham moradias inspiradas na Europa embora mesmo confortáveis que as casa da capital. Já as esposas dos trabalhadores estavam submetidas a todas as violências do trabalho, a escravidão e a toda sorte de miséria. Suas moradias eram em barracão no meio da mata feitos de madeira e palha. Podendo se ter casa bonitas feitas de tijolos, mas a regra era o barracão (Veríssimo, José, 1892, p. 32)

Ao fim da morte dos seus familiares, Anna volta para a cidade de São Luís, possuindo apenas uma casa que seu marido tinha deixado como herança. Mas o início da República aumentou os imposto ao ponto de não mais pode conseguir pagar, perdendo sua casa. Sua vida é um reflexo de outras mulheres de seus tempo que, não tendo estudo, sabendo apenas trabalhar com coisas básicas e não restáveis como a jardinagem e bordado, estavam condenadas a ignorância e a miséria. Carlota chama a atenção a esse fato e incentiva ao estudo feminino para se obter não apenas conhecimento, mas também um meio de como sobreviver.

É nesse contexto que Carlota produz os artigos intitulados Anna de Freitas que trata da saga de Anna de Freitas e seu esposo que começa pelos seringais da Amazônia e termina pela trajetória de uma jovem viúva no espaço urbano da capital maranhense no contexto da recém criada república.

O artigo relata dois momentos importantes para o Brasil. Sendo o primeiro o ciclo da borracha e o último o início da república. O marido de Anna sendo do Ceará, de Quixeramobim ou Buretana, que acometido pela seca no sertão em 1863, mudou junto com outras pessoas do sertão para a região dos Pastos Bons, no sul do estado do Maranhão, para trabalhar nas plantações de algodão. Lá ele foi seduzido para trabalhar no seringais de Juruá e Purus, onde mais tarde veio a falecer (DIÁRIO DE S. LUÍZ, 3 de novembro de 1924).

Em uma época onde a tutelar feminina tinha que ser sempre responsabilidade de uma figura masculina, pai ou marido, e os deveres e aprendizados deveria estar voltando ao cuidado do lar e dos filhos, sem a necessária instrução para lidar com a vida pública ou para obter um meio de sustendo digno (DIÁRIO DE S. LUÍZ, 5 de novembro, 1924). Tudo era perfeitamente amarrado para manter a mulheres em uma condição de subserviência eterna.

Carlota faz forte críticas a essa condição e insistir que a escolarização feminina seria necessária para alcança a autonomia. Manter as mulheres na ignorância e no paternalismo só serve para as tornar alienadas da sua realidade e não estarem habitas para decidirem sobre questões referentes a sua vida pública e privada. No fim de sua vida Anna deve que lidar com a sua falta de instrução de uma maneira cruel, tudo que lhe foi deixando pelo marido foi uma casa comprada com o dinheiro do seringal. Mas como afirma Carlota, os imposto anos após anos foram aumentado, triplicou, quadriplicou para fazer grande receita, ao ponto que ela não pode mais pagar (DIÁRIO DE S. LUÍZ, 6 de novembro, 1924).

Carlota ao critica o despreparo das mulheres, não faz só a ela, mas a todo que tinham o emprego público como uma forma de viver do governo. A maioria do servidores eram indicados ao invés de terem méritos para isso.

Depois Carlota faz críticas a forma que o novo regime foi implementado, muito diferentes do que os republicanos históricos tinham planejado. Ela tinha um profundo descontentamento. O marco orientador da república era os princípios iluministas, mas fora implementado através de um golpe militar e com nem uma característica dela.

A republica se consolidou com a exclusão dos populares, com uma alta tributação para os pobres que tiveram seus bens perdidos graças as taxas abusivas. Anna, ao perde sua casa teve uma syncope cardíaca e morreu (DIÁRIO DE S. LUÍZ, 6 de novembro de 1924). Ao passar do tempo novos impostos foram inventados, pouco se diferenciando do Império, mantendo ainda o clientelismo, o nepotismo e o empreguismo, e com nenhuma preocupação social. O Estado cresceu, mas como um parasita dos pobres e miseráveis

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sendo uma jornalista preocupada com a questão feminina, e trazendo elas sempre para a sua escrita, Carlota usa de sua voz para denúncia as violência que elas estavam submetidas. Desde as psicológicas e intelectuais, a falta de estudo, até as violências físicas e trabalhos forçados. Anna de Freitas foi uma das várias mulheres em seus relatos pelas suas viagem. A mulher sempre teve um papel central nos seus escritos, e, através do jornal, ela pode divulgar

seus ideais republicanos, as péssimas condições que as mulheres estavam submetidas e as contradições trazidas pela recente republica.

A escravidão servil foi uma realidade vivida por pessoas que não tinham nada a perder, que tinha o novo ciclo econômico como uma oportunidade. As mulheres sendo uma parte grande de todo esse processo, mas sendo pouco mencionadas. O ciclo econômico da borracha trouxe aparentemente um progresso que nunca passou dos centros urbanos de Manaus e Belém, mantendo sua população na miséria e transformando os trabalhadores nordestinos em escravos. Seu fim se deu ao contrabando de árvores seringueiras para os países da Ásia pelas empresas Europeias, assim acabando com a gloriosa fonte de renda de donos de seringais.

**Palavras-chave:** Escrita Feminina; Escravidão na Amazônia; História Regional.

## REFERÊNCIAS

- BOGDAN, R. C. E BIKLEN, S. K. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto, 1994.
- DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. - São Paulo: Contexto, 2004.
- DIAS, M. O. L da S. *Mulheres sem história*. *Revista de História (USP)*, Departamento de História da FFLCH da Universidade de São Paulo/USP, v. 114, p. 31-45, 1983.
- DIÁRIO DE S. LUÍZ. São Luiz (MA), 3 de novembro de 1924.
- DIÁRIO DE S. LUÍZ. São Luiz (MA), 4 de novembro de 1924.
- DIÁRIO DE S. LUÍZ. São Luiz (MA), 5 de novembro de 1924.
- DIÁRIO DE S. LUÍZ. São Luiz (MA), 6 de novembro de 1924.
- ELMIR, C. P. *As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas do seu uso para a pesquisa histórica*. *Cadernos do PPG em História da UFRGS*. Porto Alegre, n. 13, 199.
- LIMA, R. C. C. *Por caminhos de terra e de tinta: A trajetória de Carlota Carvalho, uma escritora nos sertões maranhenses (séculos XIX e XX)*, 2021. 343 p. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2021 (Programa de Pós-Graduação em História).
- MORGA, Emilio, LAGE, Mônica. *Vidas cotidianas das mulheres nos seringais do amazonas*. *Temas de mujeres revista del cehim año 10 n° 10 nueva época 2014 issn 1668–8600 pp. 154-178*.
- PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. V. Ribeiro. Bauru-SP: Edusc, 2005.



PINSKI, C. B. (org.). Fontes Históricas. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2019.

LAGE, Mônica. Mulher e seringal: um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920). Tese (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Manaus, AM, 2010 (Programa de Pós-Graduação em História Mestrado em História).

LUCA, Tania Regina de (org.). O historiador e suas fontes. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SCOTT, J. W. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 63-96.

VERISSÍMO, José. Amazônia. Typographia do Jorنال do Brazil, Rio de Janeiro, 1892